

## COMO ALGUÉM SE TORNA AQUILO QUE É? SOBRE A NOÇÃO DE SUBJETIVIDADE NA FILOSOFIA DA DIFERENÇA

RENATA AZEVEDO PERES; ÉDIO RANIERE

*Universidade Federal de Pelotas – reapmailr@gmail.com*

*Universidade Federal de Pelotas – edioraniere@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O conceito de subjetivação entendido como produção de subjetividade, leva em consideração a subjetividade como produto de uma natureza industrial, maquinica, sendo essa fabricada e modelada (GUATTARI, 1996, P.25). Trata-se de uma concepção singular diante de boa parte da história da psicologia e das ciências humanas, onde se costuma lidar com a subjetividade relacionando-se com algo do domínio de uma suposta natureza humana.

Como os processos que produzem essa subjetividade funcionam? Que efeitos as produções de subjetivação produzem? Que tipo de subjetividade é produzida a partir de certos discursos? “Que experiências fazemos de nós mesmos, a partir do momento em que esses discursos existem?” (FOUCAULT, 2016, P.12). Quais as condições de possibilidade que temos, de modo a resistir aos processos de massificação e modelização da vida?

Primeiramente é preciso compreender os acontecimentos que deram condições de possibilidade para a emergência de uma subjetividade privatizada, uma forma de compreender e mapear como que se produzem ainda tipos subjetividades nessas concepções, compreender como as psicologias operam dentro dessa lógica, para então inverter a perspectiva da qual nos acostumamos a pensar uma subjetividade; poderíamos nos perguntar então como que é possível uma subjetividade se considerarmos que “Não é o desejo que está no sujeito, mas a máquina é que está no desejo” (DELEUZE, 2010, P.377), de onde surgiria então o desejo de “Torna-te quem tu és”<sup>1</sup>?

### 2. METODOLOGIA

De modo a problematizar a lógica do pensamento cartesiano e o eu como ponto central do pensamento puro<sup>2</sup>, e da concepção do inconsciente da teoria Freudiana, utilizaremos como campo conceitual alguns conceitos presentes nas obras de Foucault, Nietzsche, Deleuze e Guattari, para repensar a subjetividade como construção, como efeito e não como causa primária. E como campo empírico a obra Na Colônia Penal de Franz Kafka. Buscando compreender as linhas, as forças que compõem o dispositivo subjetividade.

---

<sup>1</sup> tradução de Nietzsche a um lema das Odes Píticas de Píndaro, poeta do séc V a.c.. Na oitava pítica, poema de Píndaro, a frase aparece como: “O que é alguém? O que não é alguém?”

<sup>2</sup> ponto esse do qual, para Descartes poderia-se obter o conhecimento verdadeiro.

Utilizaremos-nos também da escrita cartográfica e da escrita ficcional (COSTA, 2014) para tentarmos problematizar a concepção da subjetividade dentro da psicologia e mais precisamente dentro da psicologia social.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Primeiramente o artigo se propõe a compreender os acontecimentos que deram condições de possibilidade para a emergência de uma subjetividade privatizada, uma forma de compreender e mapear como que se produz ainda tipos subjetividades nessas concepções, compreender como as psicologias operam dentro dessa lógica, para então inverter a perspectiva da qual nos acostumamos a pensar uma subjetividade; poderíamos nos perguntar então como que é possível uma subjetividade se considerarmos que “Não é o desejo que está no sujeito, mas a máquina é que está no desejo” (DELEUZE, 2010, P.377), de onde surgiria então o desejo de “Torna-te quem tu és”?

A partir disso se explora os agenciamentos possíveis entre a obra de Kafka e o modo como que ainda se fabrica certos tipos de subjetividade, observando e mapeando a maquinaria e percebendo as narrativas que ainda a sustentam.

Visto isso, podemos então agenciar o conceito de Nietzsche de que “Para chegar a ser o que se é, tem que ser artista de si mesmo” (Larrosa, 2005, P.65), e observar quais as potencias que a literatura pode nos oferecer a fim de criar condições de possibilidade de invertermos a nós mesmos de modo a resistir a modelização das formas de viver.

### **4. CONCLUSÕES**

Por fim, nossos objetivos demonstraram-se ser muito mais o de repensar a noção de subjetividade dentro da psicologia social.

Observou-se que a literatura como campo empírico, mais precisamente o conto Na Colônia Penal de Franz Kafka, quando agenciada com a noção de subjetividade em Deleuze, opera de um modo que nos abre condições de possibilidade para entendermos como alguém se torna aquilo que é.

### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Kafka: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora LTD, 1977.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: ed. 34, 2010.

FOUCAULT, M.; Subjetividade e Verdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.



GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

KAFKA, F. Na colônia penal. In: Um artista da fome, seguido de na colônia penal e outras histórias. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2009.

LARROSA, J. Nietzsche & a Educação. (Trad. Semíramis Gorini da Veiga). Belo Horizonte: Autêntica, 2005.